

Hamelin



Imagem: Nura-des / Devian Art

Leo Seth

Capítulo 1

Alemanha, 1284.

A cidade de Hamelin estava infestada por ratos. Ratos por todos os lados. Roíam roupas, comiam alimentos, sujavam cômodos, transmitiam doenças. A paciência do povo da cidade já se esgotara havia muito tempo. A economia estava afetada, os animais de trabalho estavam morrendo, as pessoas estavam morrendo, e o Rei Neumann não sabia mais o que fazer.

Dono de muito dinheiro, Rei Neumann já havia proposto para dezenas de homens, forasteiros e locais, recompensas para quem se livrasse dos malditos ratos, ou ao menos a maior parte deles. Mas como se sabe, nem tudo podemos comprar, por mais dinheiro que tenhamos. Assim é o amor, a amizade, e inclusive, o livramento de uma cidade de uma porção de ratos. Ou por ora.

Rei Neumann estava furioso, enquanto tirava dois ou três ratos de seu travesseiro, pensando em como proceder para seu trono não ser ameaçado, o que poderia acontecer se a crise continuasse, devido às infortunadas presenças dos ratos. Algo precisava ser feito. E logo.

- Malditos sejam os ratos! – Gritava, atraindo a presença de seu servo, Senhor Langer.

- Caro Rei Neumann, peço perdão, mas o último homem que tentou se livrar dos ratos também fracassou. Não vejo o que possa ser feito, ao menos por enquanto.

- De onde eles vêm? E por que em meu governo? O que fiz para merecer isso? Eu faria qualquer coisa para me livrar dos ratos! Nem que fosse pagar um terço de minha fortuna. Eu pagaria! Juro que pagaria!

Havia também na cidade, um casal muito trabalhador. Senhora Wulf e Senhor Schrodter, assim como todos moradores, sofriam com a infestação. Um de seus dois filhos havia morrido por uma doença levada pelos roedores, e aquilo fez com que seu ódio se tornasse ainda maior.

Porém, o menino mais velho, Joseph Schrodter, de aproximadamente oito anos, ainda estava vivo. E saudável. O garoto ajudava aos pais de todo coração, tanto no trabalho, quanto na luta contra os ratos. Schrodter era um menino feliz, brincalhão, caridoso, querido pelo povo de Hamelin.

No dia seguinte, Rei Neumann convocou uma assembleia geral na cidade. Era obrigatória a presença de todos. Menos das crianças. Crianças não participavam de assembleias administrativas nem de encontros religiosos na cidade de Hamelin. Mas, por curiosidade, Schrodter seguiu os pais naquela manhã para, como é digno de toda criança, bisbilhotar a assembleia que seria na praça central.

Pisando em ratos, ainda que sem intenção, mas por falta de opção mesmo, o menino encontra seu vizinho, Konig, pelo caminho.

- Ei, Schrodter, aonde você vai?

- Oi, Konig. Estou indo xeretar a assembleia. Vamos comigo!

Sagazes, os garotos não foram vistos, enquanto Rei Neumann surgia, glorioso, do fundo de seu parapeito, com ar de poder, anunciando:

- Bom dia, meu povo de Hamelin! Como devem imaginar, convoquei-os por causa de um infortúnio que assombra nossa cidade. Os ratos! Como grande homem e honesto que sou – Todos sabiam que não o era – estou subindo o valor. Espalhem pelas cidades vizinhas. Espalhem por toda a Alemanha. Espalhem pela Europa, ou que seja, pelo mundo! Estou oferecendo não mais algumas moedas de ouro, mas sim, um terço... Um terço de toda minha fortuna àquele que se livrar da praga roedora de Hamelin.

As pessoas se chocaram. Um terço de sua fortuna era muito dinheiro, e nunca imaginaram que Rei Neumann abriria mão assim dele, por mais que fosse por um caso terrível como este. Com duas palmas, Rei Neumann invocou a presença de seu servo, Senhor Langer. Com muito esforço, ele empurrava um carrinho de mão banhado à moedas de ouro.

- Vejam! Aqui está! Um terço de minha fortuna. Que leve-o o mais bravo dos homens, o mais poderoso. Não há dinheiro que eu não gaste para dar o conforto e a saúde à mim, minha família e meu

povo. O dia da luz chegará, meus queridos! Em breve, Hamelin estará livre dos roedores, da praga, do castigo, seja ele divino ou demoníaco. A luz virá a nós!

Senhora Wulf postou-se a chorar. Lembrou-se da morte de seu menino mais novo causada pela doença dos roedores. Senhor Schrodter confortou-a, também às lágrimas.

- Sua mãe ainda chora a morte de seu irmão? – perguntou König.

- Todos nós ainda choramos. Mas os homens valentes não podem expor suas lágrimas em público. – Dizia bravamente o menino Schrodter, ainda que ver sua mãe chorar partia-lhe o coração.

A assembleia se encerrava e os dois garotos correram de volta para suas ruas, fingindo que estavam todo o tempo a brincar. Seus pais chegaram logo em seguida.

A notícia começou a se espalhar pelo povo vizinho. Um terço da fortuna do Rei Neumann era de fazer qualquer homem matar os milhares de ratos um por um, de mãos vazias. Mas as coisas não eram assim, tão simples, era fato.

O tempo foi passando, e os mensageiros do Rei estavam cada vez mais distantes, com a grande notícia vinda da cidade de Hamelin. O ouro que estava em jogo salvaria qualquer cidade europeia de qualquer crise imaginada.

No entanto, os poucos que tentavam, fracassavam. Geralmente eram homens mirrados dotados de inteligência que supunham ter uma fórmula científica para o fim da praga.

Passando a se irritar com tremendos charlatões, Rei Neumann mandou os mensageiros dizerem uma nova regra do jogo. Os homens valentes que se candidatassem ao prêmio e fracassassem, seriam decapitados em praça pública. Desde então, ninguém mais quis propor uma saída, pois sabiam que tamanha era a dificuldade em se livrar dos ratos.

Porém, um belo dia, algo de misterioso aconteceu. Um barulho que não se escutava havia semanas, retumbou pelas ruelas. Um barulho que todos queriam ouvir, mas que ninguém acreditava que ouviria. Era a sub-porta da entrada da cidade. Pasmos, já sabiam o que aquilo significava.

Um visitante batia à porta da triste e devastada cidade de Hamelin.

Capítulo 2

Rei Neumann tomara um susto. Desde que propusera a morte em público do fracassado, ninguém mais batera à porta de visitantes de Hamelin, propondo-se a acabar com a infestação. Talvez fosse somente um forasteiro que não soubesse sobre a praga e a proposta, ou algum morador que teria perdido a chave da entrada principal. A princípio conteve-se, mas não negou a possibilidade de algo grandioso acontecer naquele momento.

O céu estava sombrio, por mais que ainda fosse o meio da tarde daquele dia. Um vento leve soprava as janelas da cidade. Uma energia misteriosa tomava conta do ar, e os que eram mais aguçados, puderam facilmente perceber.

- Abram a porta! – Ordenou o Rei.

Os guardas sinalizaram que haviam compreendido o grito. A porta fora empurrada. Lentamente, foi possível ver quem batia. Como descreveram os homens da época: “Um homem misterioso, de roupas muito coloridas, incomuns para o período, segurando um objeto parecido com uma flauta, mas não igual”.

O homem misterioso não caminhou. Apenas manteve seus olhos parados, enquanto alguns ratos atravessavam a porta de um lado para o outro. Sua postura e seu olhar eram cabalísticos. Indecifráveis. Todos ficaram observando, Rei Neumann de longe, suas roupas extrovertidas e chamativas. Ninguém disse nada por um intervalo de tempo.

O rapaz deu um passo à frente, quase esmagando um dos ratos serelepes. Rei Neumann desceu para recebê-lo de perto. Enquanto percorria o trajeto, o homem não olhava nos olhos de nenhum dos guardas, apenas mantinha sua posição imóvel e agonizante de se observar.

- Seja bem-vindo a Hamelin! Quem é você? – Saudou e questionou, o Rei.

O homem esperou um pouco para responder.

- Meu nome é Fallk. Edward Fallk.

- E o que te traz aqui à nossa cidade, meu nobre homem?

- Sei que teme ouvir a resposta, mas vim pelo que esperava, caro Rei Neumann. Os ratos.

Rei Neumann realmente se assustou. Sabia que queria se livrar da infestação, mas também temia, no fundo no fundo, que conseguissem abocanhar um terço de sua fortuna, e para isso, propôs a nova regra, a qual fora bem claro na hora de negociar com Fallk.

- Pois bem. Terá sua oportunidade. Mas lembre-se, meu caro. Se não conseguir livrar-se dos ratos dentro de um dia, sua cabeça será de Hamelin.

Fallk ao menos pareceu não se assustar nem um pouco. Com toda sua magia envolta, manteve-se sóbrio e decidido de que não daria um passo atrás. O Rei pediu para que entrasse em seus aposentos, enquanto a notícia se espalhava pela cidade.

- Atenção! Atenção! – Gritava o mensageiro do Rei – Um homem misterioso acaba de adentrar às portas de Hamelin! Ele aceitou a proposta do Rei! Se não conseguir se livrar dos ratos, será morto em praça pública! Atenção! Atenção! Um homem misterioso acaba de adentrar as portas de Hamelin...

Enquanto isso, Fallk e Rei Neumann conversavam.

- Tem certeza de que tentará fazê-lo meu jovem? – Questionou o Rei.

- Onde está o terço de sua fortuna? – Perguntava misteriosamente o homem.

- Está bem ali. Pode ver. – Disse, apontando para o carrinho carregado de ouro. - Se conseguir se livrar de ao menos a grande maioria dos ratos, o terço será seu.

- A grande maioria? Eu vim aqui para não deixar sequer um rato em sua cidade.

Rei Neumann gostou da forma que dissera.

- Muito bem. E o que precisará usar para se livrar dos ratos? Temos tudo aqui. Pesticidas, bombinhas, vassouras, armas. Como tentará exterminá-los?

- Nada destas coisas. Usarei este objeto que está em minhas mãos.

- Uma flauta? – Questionou Rei Neumann.

- Chame como quiser. – Disse, nebulosamente, o homem de vestes coloridas.

- Pois bem. Senhor Langer, pegue a ampulheta de um dia, por favor!

Senhor Langer trouxe o objeto às mãos do Rei.

- Vamos lá, caro Fallk. Aqui está a ampulheta de um dia. Assim que seu último grão trocar de lado, ou eu estarei livre dos ratos, ou sua cabeça será minha. Boa sorte!

Imediatamente, Rei Neumann virou a ampulheta e seus primeiros grãos começaram a cair. Edward Fallk levantou-se e agradeceu. Então, ainda lentamente, caminhou para o centro da cidade. Todos os olhos pairavam sobre o homem misterioso. Janelas abertas, atenções despertas, confiança. As pessoas não conseguiam identificar quem ou o que era aquele rapaz. E suas roupas, por qual motivo tinham aquelas cores atormentadoras?

Fallk parou então e começou a observar os ratos. Puxou o objeto estranho o qual Rei Neumann e qualquer um que o visse, ainda que sem saber o que era, chamaria de flauta. Então, o rapaz posicionou suas mãos e seus lábios em seus devidos lugares e assoprou o objeto. Eis que um som, assim como denominaram os moradores da época, muito, mas muito sinistro, saiu de dentro do objeto musical. As notas eram cabalísticas, folclóricas. Jamais haviam ouvido algo igual.

No entanto, aquele som, por mais assustador que fosse, não era destinado a fascinar ninguém que ali o observava. O som era sim hipnótico, mas para os ratos. Vagarosamente, os ratos começaram a se unir em volta de Edward Fallk, o homem misterioso que batera à porta de Hamelin.

Todos ficaram intrigados. Os ratos pareciam seguir o som do objeto místico. Logo, Fallk começou a se encaminhar para a porta que entrara, a sub-porta da cidade. E todos, mas todos os ratos mesmo, que ali se esgrouvinhavam atrás de comida, começaram a seguir o som mágico que o homem nebuloso emanava.

Como uma maldita dança, os ratos seguiam-no e ouviam-no atentamente, passo a passo que dava. De dentro das roupas, das camas, dos alimentos, das trevas, de onde quer que fosse, os ratos saíam e iam em direção ao som magnífico que ecoava pelas ruas destruídas da cidade.

Aos poucos, os ratos estavam em multidão, se aglomerando e sobrepondo uns aos outros atrás da melodia sinistra que ouviam. Schrodter não acreditava no que via. A praga que levava seu irmão mais novo para um mundo distante daquele, agora ia embora levada por um som misterioso e cativante, para sempre.

As sub-portas de Hamelin foram se abrindo e Fallk seguia incessantemente tocando o som em seu instrumento mágico. Quando parou diante da porta, virou-se para ver a cidade. O povo o ovacionava, enquanto os ratos iam sempre no mesmo ritmo melódico que a música e que uns aos outros, seguindo seus passos.

Fallk atravessou a porta com todos os ratos hipnotizados e foi embora, enquanto o povo aplaudia. Rapidamente os guardas se moveram. As portas de Hamelin estavam fechadas novamente, mas desta vez, com a praga toda para fora...

Capítulo 3

Rapidamente todos correram para louvar ao Rei Neumann. Ele enfim, com sua fortuna oferecida, havia conseguido libertar seu povo da praga dos roedores. Eufórico, o povo gritava por seu nome. Mas nem só de festa era feita sua história...

Ganancioso como era, imediatamente, ao ver a porta se fechar, Rei Neumann se entregou, sem que o povo pudesse ouvir.

- Estou arruinado! Arruinado! Como pude oferecer tamanho dinheiro? Um terço de minha fortuna... Como viverei sem ela? Sei que Fallk não viria para Hamelin por algumas moedas, mas... Eu exagerei, confesso. Mas tamanho era meu ódio pelos ratos! E agora eu odeio mais a Fallk do que aos próprios roedores! Devo-lhe tanto ouro, agora...

Antes de escurecer, enquanto Rei Neumann se contorcia de ódio, a sub-porta retumbou novamente. Edward Fallk estava de volta, e queria sua recompensa.

- Não abram as sub-portas! – Gritara Rei Neumann! - É Fallk, o forasteiro misterioso! Ele quer um terço da minha fortuna. Não abram!

A porta ecoou novamente, desta vez com um pouco de fúria. Mas os guardas não cederam. O povo, que observava, passou a achar estranha a atitude do Rei. Ele então, convocou uma nova assembleia, imediatamente.

Em poucos minutos todos estavam no centro da cidade, aguardando a palavra do Rei. A sub-porta continuava emanando um furioso som.

- Atenção, povo de Hamelin! – Gritava Rei Neumann – Sei que prometi o terço de minha fortuna ao forasteiro, mas pensem bem, não fiquem contra mim. – E com sagacidade, passou a mentir – Se eu lhe der o dinheiro, teremos outros tipos de problemas. Fome, frio, sede, falta de animais. De que adianta o homem da flauta livrar-nos dos ratos mas colocar-nos em outro tipo de problema? Que homem

bom é este que salva uma cidade a troco de sua miséria, para sua própria fortuna?

Aos poucos, as pessoas foram passando ao lado do Rei.

- Sim! Ele é um trapaceiro! – Gritava a multidão.

Feliz, Rei Neumann continuava seu discurso mentiroso.

- Minha fortuna é propriedade de meu povo! O que faremos sem um terço dela? Precisamos dar um jeito de nos livrar de Fallk, o forasteiro.

- Viva Rei Neumann! Fora Forasteiro! – Emanava o povo.

Senhora Wulf e Senhor Schrodter discordavam em baixo tom.

- Este Rei é um ganancioso mentiroso. – Sussurrava ela.

- E ainda engana todo nosso povo. É um tremendo pilantra. – Respondia o pai da família.

Inocentes, Joseph Schrodter e Konig não sabiam de nada. Brincavam pela rua, felizes de terem se livrado da praga que tanto assolara a cidade nos últimos tempos.

A sub-porta cessou seu barulho. O último golpe, que tinha sido o mais forte, já havia parado de ressoar. O silêncio tomou conta da cidade, que enfim, deu fortes gritos de comemoração. Os ratos estavam para o lado de fora, e Fallk, também.

- Guardas, tranquem as portas e sub-portas. Ninguém entra ou sai de Hamelin pelos próximos dias. Teremos cautela. Impostor nenhum levará nosso ouro!

- É isso aí! – Apoiava o povo.

Do lado de fora, Fallk esbravejava. Havia levado todos, sem exceção, todos os ratos da cidade para um rio próximo, onde, hipnotizados, se afogaram, para o herói acabar de vez com a infestação. No entanto, fora enganado por um povo e um rei soberbos e ingratos.

No entanto, os homens de Hamelin talvez houvessem se esquecido que o forasteiro que os libertou da praga, não acabou com os ratos através de métodos comuns, como armas ou pesticidas. Talvez

houvessem se esquecido que presenciaram, naquela tarde, um acontecimento mágico, místico. Talvez houvessem esquecido que estavam não diante de um homem comum, mas sim de Edward Falk, o flautista mágico, traído por um povo inteiro, de uma infelizmente chamada Hamelin.

Capítulo 4

O tempo foi passando e tudo estava em paz. Não havia, na cidade, ratos causando destroços, nem doenças, nem fome, nem sujeira. O dinheiro estava lá, em seus três terços, sob a proteção de guardas e cavaleiros. Hamelin estava em festa.

No entanto, no fundo daquela felicidade, o povo sabia que havia algo estranho. Algo incômodo pairava no ar. Talvez os mais distraídos nem soubessem o motivo. Mas os mais atentos, sabiam que misteriosamente, havia uma dívida a qual a cidade não pagou. E isso mudaria a história da cidade. Para sempre.

Hamelin, Alemanha, 26 de junho de 1284.

Como era comum nos finais de semana, pela manhã, o povo da cidade ia para a igreja da catedral celebrar e rogar por sua população. Como sempre, os adultos iam com suas melhores vestes e as crianças ficavam, trajadas de branco, do lado de fora da igreja, brincando, para não atrapalharem a cerimônia.

O céu estava acinzentado, o que não era comum em manhãs de junho, principalmente no majestoso dia de São Paulo e São João, que era a data do dia vinte e seis daquele mês. No entanto, todos foram para suas obrigações corriqueiras. As crianças com suas roupas brancas aos arredores da igreja, e os adultos cultuando com muita música ao lado de dentro.

As portas de Hamelin, guardadas pelos cavaleiros, continuavam fechadas, garantindo toda a segurança enquanto todos se preocupavam com a adoração cristã.

Schrodter jogava com seus amigos, aguardando o fim da cerimônia celestial. No entanto, algo de muito estranho estava para acontecer. O ar místico que os mais sensíveis puderam captar naquele fatídico dia em que os ratos foram levados embora, estava estabelecido novamente nas ruelas de Hamelin. Bastava estar atento para perceber.

Schrodter, de repente, ouviu um som. Um som agradável, singelo, profundo. Parou de brincar para prestar atenção. O som se aproximava cada vez mais. E o envolvia, se entoando por seus ouvidos angelicais. O menino viu então que outros meninos e meninas também paravam de brincar. Aquele som era melhor que qualquer brincadeira. Era familiar. Era um som hipnótico. Schrodter deu um passo em direção ao som. E logo outro, e outro. As crianças em volta também o fizeram, atormentadas.

Enquanto caminhavam, como numa dança mágica, viram um homem. Um homem misterioso de roupas coloridas, que carregava algo próximo de uma flauta nas mãos. Um homem que já pisara antes na cidade, e que se chamava Edward Fallk.

A dança não acabava. Crianças de até seus dez anos, a idade máxima dos anjos, que era a idade limite para que ficassem vestidas de branco do lado externo da igreja, seguiam o som da flauta mágica. Sabiam que não podiam seguir estranhos, nem sair dos portões da cidade. Mas aquilo estava longe de seus pensamentos. Queriam seguir a bela melodia que ecoava pelas vielas da triste cidade. E a seguiram.

Concentrados nas músicas e adorações, os jovens, velhos e adultos na igreja não captavam o som suave emanado pelo instrumento maldito. E logo, a cidade ia se esvaziando. Liderando o bando, o flautista misterioso levava as crianças calmamente para perto da sub-porta.

Se estivessem sóbrias, as crianças notariam que algo de estranho havia acontecido. Os guardas estavam adormecidos e as sub-portas, pasmem, estavam abertas. No entanto, elas estavam sendo levadas, como milhares de ratos o fizeram semanas antes, para fora da cidade.

Eis que todas as crianças já haviam cruzado a porta. Fallk e todas elas logo desapareceram. Uma terrível tragédia assolara aquela manhã de São Paulo e São João. O tempo passou e então, o esperado aconteceu.

Acabou-se a missa sagrada, e todos os pais saíram da igreja para levarem seus pequenos para casa...

Capítulo 5

Senhora Wulf, Senhor Schrodter e todos os pais que saíram da igreja entraram em um desespero sem fim. As crianças de Hamelin haviam desaparecido. Berros, medo, todos saíram pela cidade procurando por seus meninos. Mas as ruas estavam desertas.

Eis que um dos pais pôde perceber algo desesperador:

- A sub-porta! Ela está aberta! Mas como?

Ao chegarem mais perto, viram que todos os cavaleiros dormiam, em sono profundo. Não um sono que se podia acordá-los chamando-os. Respiravam, mas mais pareciam mortos. Estavam em transe.

- Isso é coisa do diabo! – Gritou uma mãe desesperada, aos prantos.

Então, todos os pais correram para fora da cidade pela sub-porta e seguiram o caminho mais provável. Ensandecidos, dezenas de pais corriam à procura de seus verdadeiros ouros. Não aquele um terço que se recusaram a dar para o forasteiro. Ouros de verdade. Seus filhos queridos.

Rei Neumann estava tão nervoso quanto. Não porquê se importava com seu povo. Mas porque também era pai de uma das crianças que abandonaram os portões aconchegantes de Hamelin rumo à floresta densa.

Se embrenhando pelo mato, pais e mães supunham para onde teriam ido suas crianças, mas nem imaginavam a verdade.

Eis que após uma hora de procura, viram algo incrível. Era Krauss. Um menino de nove anos que andava de muletas, caído ao chão no meio da floresta densa, que, mesmo de tarde, já era escura.

Krauss tinha problema em uma das pernas desde que nascera, e nunca conseguira andar normalmente. E sua limitação foi crucial para que todos entendessem o que havia acontecido com as crianças da cidade.

- Krauss! Krauss está aqui! – Disse um dos pais.

Em prantos desesperadores, Krauss gritava:

- O forasteiro! O flautista! – E chorava como a criança que era.

- O que aconteceu? – Perguntou-lhe o homem, enquanto sua mãe chegava para acolhê-lo.

Ainda aos berros, Krauss conseguiu falar o que já estava mais que implícito.

- O flautista voltou a Hamelin...Ele hipnotizou a nós, como os ratos... Mas eu não consegui segui-los por causa de minha perna. Eles foram embora... Eles foram embora...

- Para onde foram, Krauss? – Perguntou sua mãe.

- Eles viraram depois da caverna, e desapareceram. Eu queria segui-los. A melodia... A melodia... Eu saí do encanto quando parei de escutá-la. Mas ela era tão linda... Queria poder ouvi-la novamente...

- Maldito seja o forasteiro! – Gritou um dos pais.

- Vocês o culpam, é claro – Disse Senhora Wulf, saindo do meio da multidão – mas se esqueceram que fomos nós quem começamos, negando pagar-lhe o ouro prometido. O flautista nos livrou dos ratos, e nós, fomos incapazes de sermos gratos. E agora, o castigo divino caiu sobre nossas cabeças. Estamos sem nossos queridos filhos. Eu já havia perdido um, e agora, o que me restara.

- E o que não perceberam – Engatou Senhor Schrodter – é que quem manipulou a massa foi o maldito do Rei Neumann, sendo que sabíamos que o ouro que entregaria ao flautista era somente dele, e não de nosso povo. Mas eu e senhora Wulf estávamos bem atentos a isto. Só não havia o que fazermos... E nem há, agora.

- Mesmo assim, não desistiremos. – Gritou um pai - Avante, para trás das montanhas, até encontrarmos nossos amados filhos. Até encontrarmos os filhos de Hamelin!

Acontece, que mesmo depois de muita procura, ninguém fora encontrado. As crianças desaparecidas permaneceram nas sombras da melodiosa flauta mágica, até seu pais falecerem, sem nunca terem podido dar um último adeus.

O fervor vingativo de Edward Fallk era cruel. Ele sabia que se voltasse a Hamelin com as crianças teria seu ouro prometido, já que aprenderam a lição. Mas ele não queria isso. Ele queria a vingança. Afinal, Fallk não era um homem comum. Não era um exterminador de ratos. Fallk era um bruxo, um demônio, tão ganancioso quanto Rei Neumann, já que só surgira quando lhe fora proposta tamanha recompensa. Mas era ainda pior que um homem comum, não só por suas habilidades mágicas, mas também por seu ego impiedoso.

Desde a data do misterioso desaparecimento, Rei Neumann declarou que a rua principal pela qual as crianças foram levadas, a que ligava a igreja onde se encontravam os adultos no momento da invasão de Fallk, não se poderia, por lei, cantar, assoviar ou tocar qualquer tipo de instrumento musical, e fora batizada desde então, como *Bungelossenstrasse*, ou, Rua Sem Tambores.

Cem anos se passaram desde o sumiço das crianças, e a história, permaneceu nos lábios hamelinianos. No exato dia vinte e seis de junho, dia de São Paulo e São João daquele ano de 1384, um vitral com o desenho do flautista levando as crianças na janela da igreja e uma placa esculpida fizeram suas homenagens. E na placa, o texto tão cruel “Hoje faz cem anos desde que nossos filhos foram embora”. A vingança de Fallk, a ganância de Rei Neumann e o heroísmo dos filhos de Hamelin nunca foram esquecidos...